

**Explode a violência na greve dos bóias-frias**

*Uma criança em estado grave e mais 16 feridos. Esse foi o resultado da tentativa de saque a um supermercado feita pelos grevistas de Sertãozinho.*

Uma tentativa de saque a um supermercado desencadeou uma onda de violência ontem em Sertãozinho, no terceiro dia da greve dos dez mil trabalhadores rurais da cidade. Ao final de quase sete horas de conflito entre revistas e policiais, havia um saldo de 17 feridos, entre eles uma criança de dez anos, Cristiana Moura Silva, atingida por um tiro no ombro e internada em estado grave na Santa Casa local. Houve ainda outras pessoas que foram baleadas, mas com ferimentos leves. Quatro policiais foram feridos por pedradas dos manifestantes.

A rua Washington Luiz, no Jardim Alvorada, habitada por trabalhadores rurais e considerada um reduto de marginais, foi transformada em campo de batalha logo as 11h40, pouco depois que as portas do supermercado Savegnago foram destruídas por um grupo de moradores. A chegada da Polícia Militar evitou maiores danos ao estabelecimento, mas os atritos foram inevitáveis. Desempregados e desocupados se armaram de paus e pedras para agredir os policiais e estes se defenderam usando cassetetes. O policiamento pelas ruas do bairro chegou a contar com 200 homens e mobilizou até o comandante do policiamento do Interior da PM, coronel Bonifácio Gomes, que chegou à cidade de helicóptero e circulou ostensivamente por toda a tarde.

O clima de violência em Sertãozinho já era esperado desde a noite anterior, após a assembléia dos bóias-frias no Ginásio de Esportes Pedro Ferreira dos Reis, que decidiu pela continuidade do movimento grevista. Por volta da meia-noite, os bóias-frias se concentraram nas ruas do Jardim Alvorada. Segundo informações de assessores da prefeitura, vários elementos não identificados foram vistos pagando cachaça aos manifestantes.

No início da noite, ainda com a presença dos policiais rondando o bairro, os moradores permaneceram agrupados nas ruas, alguns se divertindo com os vôos rasantes do helicóptero da PM, muitos discutindo a situação, e outros totalmente indiferentes aos acontecimentos. O proprietário do supermercado depredado, José Carlos Savegnago, só se mostrou tranquilo depois que o comandante do 3º BPM-I, tenente-coronel Sebastião Alberto Correa de Carvalho, lhe garantiu que o bairro continuaria a ser patrulhado durante toda a noite. Sobre prejuízos materiais ele não reclamou, preferindo lamentar o fechamento da loja no dia do seu maior movimento mensal. Ele garantiu, por informações colhidas com seus empregados, que os pretensos saqueadores não eram seus fregueses, mas já haviam sido vistos tentando roubar mercadorias na mesma loja.

Tão logo chegou ao "campo de batalha", o tenente-coronel Correa de Carvalho foi informado que um dos detidos confessou ter sido pago por Marcos Siqueira Campos, para participar do quebra-quebra. Em Sertãozinho, este nome é totalmente desconhecido.

**Negociação**

A concentração de quase quatro mil pessoas defronte a Praça de Esportes Adelino Simioni, na rua Washington Luís, foi motivada por mais uma assembléia, em que o prefeito Joaquim Marques pretendia propor a contratação de todos os desempregados em frentes de trabalho, ainda que para isso tivesse que paralisar algumas obras já iniciadas. Só que a depredação alterou o rumo dos acontecimentos, e, antes de qualquer negociação nesse sentido, os trabalhadores exigiram a libertação das quatro pessoas presas após o atentado contra o

supermercado. O prefeito atendeu à reivindicação, mas, ao chegar ao local para a continuidade das negociações, foi também apedrejado, assim como o deputado estadual Waldir Trigo, também do PMDB.

Diante desse quadro não houve outra alternativa que não a de solicitação de reforço policial em Ribeirão Preto. A participação dos populares nos episódios foi das mais estranhas, garantiu uma funcionária da prefeitura, "pois ora eles incentivavam a ação policial ora atiravam pedras nos mesmos soldados".

Como resultado dos acontecimentos de ontem, as autoridades de Sertãozinho decidiram impedir os piquetes a partir da manhã de hoje, tendo sido, também, suspensa a assembléia de ontem à noite. À noite, Joaquim Marques reuniu-se com lideranças de bairros e representantes da Igreja, para avaliar situação e buscar fórmulas para acalmar os ânimos. Os resultados serão discutidos na manhã de hoje com dirigentes sindicais e a comissão de desempregados.

### **Barrinha**

Em Barrinha, os desentendimentos ocorreram entre os próprios trabalhadores. Em assembléia realizada à tarde, decidiu-se pela continuidade do movimento, mas o clima começou a ficar tenso desde as primeiras horas da manhã, quando os feitores — cumprindo ordens das usinas — levaram os bóias-frias que queriam trabalhar para a praça central da cidade. Lá já estavam os desempregados e, com isso, iniciou-se uma grande discussão entre os trabalhadores, sem que a polícia interferisse.

As ruas ficaram agitadas, o comércio fechou e houve muitas brigas entre os trabalhadores. Por volta das 12 horas, porém, a situação começou a acalmar-se quando os feitores receberam novas ordens das usinas: recolher os caminhões.

A assembléia, realizada às 16 horas, também foi tumultuada. Durante cinco minutos o helicóptero da Polícia Militar sobrevoou o estádio municipal, ignorando o protesto dos trabalhadores. O prefeito Fuad Sale fez uma proposta para acabar com a greve: a Prefeitura de Barrinha, com ajuda do Estado, criaria uma frente de trabalho para os desempregados, pagando salário mínimo até que os usineiros discutissem as reivindicações dos bóias-frias. Mas a proposta não foi aceita, e a assembléia decidiu pela continuação da greve.

### **Clima de tensão**

Ontem à noite o clima ainda era de guerra em Sertãozinho, com 55 mil habitantes e a 20 quilômetros de Ribeirão Preto. Centenas de policiais militares, tropas de choque vindas de São Paulo, patrulhavam a cidade, intervindo no precário policiamento local. O comércio — bares e restaurantes — mantinha suas portas fechadas, com seus proprietários temendo saques. As usinas produtoras de álcool e açúcar do município reforçaram a segurança com guardas fortemente armados protegendo suas instalações contra possíveis invasões. A população da cidade receia que um novo conflito envolvendo os dez mil bóias-frias em greve possa eclodir a qualquer momento.

E o agitado ambiente no Jardim Alvorada — habitado quase exclusivamente por bóias-frias — com milhares de pessoas nas ruas durante toda noite de ontem era o principal gerador do quase pânico que tomava conta dos moradores do município, acostumado a grande excitação nas ruas apenas quando a seleção de hóquei sobre patins da cidade, campeã brasileira, realizava suas grandes conquistas.

Os moradores mais antigos lembram que a onda de violência somente passou a ameaçar a cidade recentemente, sobretudo depois da instalação das cinco usinas de açúcar e álcool do município (responsável pela produção de 315 milhões de litros de álcool e de 6,5 milhões de

sacas de açúcar), em substituição às lavouras de café e cereais, pois, segundo eles, as destilarias teriam atraído milhares de trabalhadores de outros Estados, elevando o desemprego, além de terem agravado as relações trabalhistas no campo, principalmente na época de entressafras, quando milhares de bóias-frias ficam sem trabalho, nas grandes lavouras de cana-de-açúcar da região — a maior produtora de álcool do País.

Celso Falaschi (AE-Campinas) e Germano de Oliveira (AE-ABC), enviados especiais.

***(Página 4)***